

“TODO ANO EU ASSOPRO AS VELAS E FAÇO O MESMO PEDIDO. EU GOSTARIA DE SER UM MENINO”: A TRANSMASCULINIDADE REPRESENTADA PELO AUDIOVISUAL

Shay de los Santos Rodriguez

*Arqueólogo e Mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEDU), pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG.
shayleninrodriguez@gmail.com.*

Resumo

A escrita do texto se trata de uma crítica sobre as representações e representatividades de homens trans e pessoas transmasculinas nas produções audiovisuais. Na qual se tem por objetivo discutir e problematizar através de breves análises críticas, como que as transmasculinidades estão sendo mostradas, seja no cinema, TV e nas mídias. Ainda hoje é notável a invisibilização de corpos transmasculinos em vários espaços sociais, existem poucas referências transmasculinas no audiovisual, tanto na frente das câmeras como atrás delas. A representatividade de transmasculinidades para além dos ideais heteronormativos se faz urgente e necessária.

Palavras-chave: Transmasculinidade; audiovisual; estereótipos; representatividade.

Para começar: porque escrevo sobre esse tema?

Primейiramente, devo me apresentar. Meu nome é Shay, sou homem trans. Para você que não me conhece, provavelmente pensou que pelo fato de eu me colocar enquanto sendo um homem, eu siga todas as etiquetas e protocolos da heteronormatividade – heterossexualidade como norma e única forma de expressar a sexualidade – cis-masculina – ser cis (abreviação de cisgênero) corresponde as pessoas que estão em concordância com o gênero que lhe foi imposto no nascimento segundo um viés genitalista, logo para ser um homem cis, é preciso nascer com um pênis e para caminhar na heteronormatividade, é preciso seguir essa lógica: pênis-homem-masculino-heterossexual. Bom, eu não sou um homem heteronormativo, e se você me encontrar na rua, pensará que sou uma mulher cis, pois tenho um cabelo azul comprido, uso roupas que me dê na telha (acredito que roupas não deva ter gênero), não sou hormonizado (até pensei e ainda penso sobre, porém não busco ter todos os atributos e características que a testosterona iria me fornecer), não sou cirurgiado (penso em fazer a mamoplastia, a cirurgia da retirada total das mamas, porém, não tenho nenhum desconforto enquanto não a realizo, pois homens também podem ter peitos), e sou pansexual (me atraio por pessoas independente do sexo e do gênero). Desde 2016 eu veio produzindo conteúdos audiovisuais sobre a minha vivência transmasculina, e percebi que muitos homens trans e pessoas transmasculinas – foram designados enquanto mulheres no nascimento, porém ao longo da vida se identificaram como homens ou com expressões masculinas – se identificaram com a minha existência e do meu ser masculino, e que sentiam muita falta de representatividades diversas sobre corpos, estéticas e identidades das transmasculinidades.

Para continuar: as transmasculinidades no audiovisual

A transmasculinidade abarca o maior número possível de identidades e expressões masculinas, é também atribuída a outras identidades que fogem da estrutura binária e normativa cis-masculina de gênero. É na cultura e também na história que se constituem as identidades sociais, sendo elas de: gênero, sexualidades, raça, classe, nacionalidade, etc. Segundo Louro (1997, p. 141) admitir que todes

(linguagem com flexão de gênero com a letra “E” para abarcar todos os gêneros para além do binário) somos constituídos socialmente e que a diferença é também uma construção de um dado momento, no tempo e no espaço, não é nada fácil, mas não é impossível, e para que suceda uma transformação é preciso escutar aquelas pessoas que foram colocadas como “outras” ao longo da história.

E vale indicar que não é só as instituições escolares que ensinam sobre as nossas culturas, histórias e identidades, todo lugar é um espaço de aprendizado. Guacira Lopes Louro abordou em suas escritas o conceito de pedagogias culturais, na qual não é só a escola que educa, mas uma série de instâncias que exercem pedagogias. Aprendemos em vários lugares na qual circulamos e habitamos sobre modos de ser, viver e estar no mundo. E um dos espaços que mais ensinam nos dias de hoje juntamente com a mídia é o cinema. O cinema exerce historicamente pedagogias que nos são ensinadas através do olhar e ao escutar. Segundo Louro (2008, p 82) incontáveis instâncias culturais, sociais, políticas, econômicas vem, desde algum tempo atrás, possibilitando a diversidade de discursos sobre a sexualidade – assim como de gênero, raça, classe etc. -, produzindo a visibilidade de muitos modos de ser, de amar e de viver, embora que permaneçam, de forma renovada, divisões, hierarquias, distinções. E o cinema atua também nesses processos.

Segundo Penafria (2009, p. 1) analisar um filme é sinônimo de decompor, analisar implica em duas etapas importantes: 1) decompor, ou seja, descrever e 2) estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos, ou seja, interpretar. Desse modo, o objectivo da análise é, então, o de explicar o funcionamento de um determinado filme e propor-lhe uma interpretação. Já a crítica, para Penafria (2009, p. 2) tem como objectivo avaliar, ou seja, atribuir um juízo de valor a um determinado filme, trata-se de determinar o valor de um filme em relação a um determinado fim, e nesse caso, o fim é a representação transmasculina. Então vamos para as críticas dos filmes.

O filme Meninos não choram (título original: Boys Don't Cry, ano: 1999, país: EUA, direção: Kimberly Peirce) conta a história verídica de Brandon Teena (interpretado pela atriz Hilary Swank) que reivindicou uma identidade masculina (na época o termo homem trans não era mencionado) numa cidade rural de Falls City, Nebraska. Hoje entendemos que o filme trata de identidade de gênero, porém na época

foi tratado como de ordem sexual, de uma mulher se passando por homem. Uma das cenas finais, quando descobrem que Brandon não nasceu biologicamente “homem”, ele é estuprado, com intuito de “se endireitar e virar mulher”. A pesar do filme ser dos anos 90, - e sabemos que nesse tempo questões trans eram pouco discutidas e ser trans era como portar uma doença – ainda hoje se mostra muito atual, pelo conservadorismo e repulsa de uma sociedade transfóbica, no final do filme Brandon é assassinado por John, o mesmo que construiu uma amizade com ele, porém ao saber que na sua visão, Brandon era “uma mulher cis”, o espancou, o estuprou e por fim o matou. Mesmo o filme sendo um transfake (Hilary Swank ganhou o Oscar de melhor atriz pelo papel), eternizou a história de Brandon, e sem dúvidas fez parte de muitas transições de gênero de pessoas transmasculinas, fornecendo o debate sobre gênero e transfobia, em épocas que nem se comentava ou nem se imaginava que pessoas trans existiam e que mereciam viver.

O filme *Tomboy* (ano: 2011, país: França, direção: Céline Sciamma) é sobre uma criança de 10 anos, chamada Laure, que se muda de cidade com a sua família, e nessa nova cidade, ela se apresenta como Mickäel, um menino. Primeiramente, coloco a questão que logo me chamou a atenção: o nome. Em 2018 o Supremo Tribunal Federal (STF) compreendeu e autorizou a mudança de nome e gênero em registro civil sem a realização de cirurgia, sem laudos médicos e psicológicos, para pessoas trans. A decisão do STF foi fundamental para o reconhecimento da cidadania trans, pois segundo Nery (2018, p. 403) uma pessoa que não possa ser reconhecida nem pelo seu nome, não existe. No decorrer, vemos que Mickäel tem um desejo de existir e de ser reconhecido como menino dentro do novo grupo de amizades. Quando joga futebol com os outros meninos, simboliza que é um menino tirando a camisa, e cuspiendo no chão. Quando vai tomar banho no lago, coloca uma massinha de modelar de baixo da sunga (que se trata de um maiô cortado), para simbolizar o que lhe falta, um pênis. O filme trata sobre descobertas da infância, e vemos que o silêncio fala muito. Acredito que o filme deixa uma nostalgia sobre uma questão que muitas pessoas transmasculinas já se perguntaram em algum momento na infância: “como seria ser um menino por um dia?”.

O filme *Meu nome é Ray* (título original: *3 Generations*, ano: 2015, país: EUA, direção: Gaby Dellal) ao contrário que todes pensam, não é

focado em um homem trans, mas sim sobre sua família, pois quando pessoas trans têm famílias que as aceitam e apoiam, a transição também passa por elas. Na trama é focada a história de Ray (interpretado por Elle Fanning), um menino trans de 16 anos e toda sua luta para conseguir a receita para a hormonização e como as pessoas ao seu redor lidam com isso. Nesse filme está assentada uma narrativa que se espera de filmes com a temática trans, tudo em torno do corpo e sua insatisfação, “não posso começar uma nova escola com esse corpo”. O título desse texto “Todo o ano eu assopro as velas e faço o pedido. Eu gostaria de ser um menino”, é uma das frases de Ray em relação ao seu corpo e sua identidade de gênero. Outro ponto deturpado, é sobre Ray passar por sua transição de gênero sem outras pessoas trans, pois afinal o filme é recente, e hoje pessoas trans são uma comunidade e se ajudam umas as outras, como por exemplo os grupos e páginas na internet nas redes sociais. Ray se coloca sempre como sendo incompreendido pelas pessoas, e se isola pois ninguém o entende. Se o filme fosse dos anos 90 e começos dos 2000, eu até entenderia toda essa incompreensão, mas no hoje, não faz sentido essa narrativa.

Prosseguimos com uma novela brasileira, *A Força do Querer* (ano: 2017, escrita por Glória Peres, emissora Rede Globo), que entre os temas, abordou a transmasculinidade de Ivan (interpretado por Carol Duarte). Sabemos que o intuito da novela era de dar mais visibilidade as pessoas transmasculinas, pois de fato papéis de homens trans não existiam até então. Mas, contudo, a novela reforçou estereótipos que se espera de um homem trans: odiar seu corpo. “Esse é o meu corpo, mas não sou eu”, é uma das falas de Ivan sobre estar no corpo errado. E esse sentimento se mostra também na cena de olhar no espelho e bater nos seios. Mas por outro lado, Ivan é um homem gay e engravida na trama, com isso é quebrado a ideia de heteronormatividade e de que homens podem engravidar (ponto positivo). O desfecho de Ivan na novela, mostra a cena dele na praia sem camisa (depois da cirurgia da retirada das mamas: mamoplastia), que deixa nítido a sensação de libertação, e que é algo almejado por muitas pessoas transmasculinas.

Carvalho (2021) diz que estereótipos transfóbicos influencia a percepção de todas as pessoas, até das pessoas trans/travestis sobre si mesmas e/ou sua comunidade. No audiovisual, as pessoas trans, através do olhar de pessoas cis passaram a ser vistas através de uma

narrativa que foi inventada em cima de estereótipos, muitas vezes pejorativos, sobre elas e em detrimento da forma com que elas próprias se reconhecem. Segundo Carvalho (2021, p. 103) estereótipos seriam as impressões, opiniões ou imagens preconcebidas, generalizadas e simplificadas que se estabelecem como referencial, sem conhecimento comprometido ou profundo sobre algo, alguém ou um grupo de pessoas. Segundo Carvalho (2021, p. 108) o transfake é o processo em que um ator não-trans (cisgênero) interpreta um personagem trans. Não se trata apenas de afirmar que apenas pessoas trans possam representar essa população, mas sim de reivindicar que oportunidades sejam criadas para pessoas trans, artistas, dentro da arte. Assim, na crítica transfake, a luta não é contra os atores e atrizes cis que interpretam pessoas trans, é contra uma estrutura de privilégios. Quantos homens trans e pessoas transmasculinas você viu em séries, filmes, novelas e nas mídias? O que você entende por ser homem trans e pessoa transmasculina segundo as representações audiovisuais?

Dicas de representatividade transmasculina no audiovisual: O ator trans Elliot Fletcher participou de três séries interpretando um homem trans: *Faking It* (2014-2016), MTV, tema adolescente; *Shameless* (versão estadunidense) 2011-2021 – sobre conflitos familiares e *The Fosters* (2013) – série dos EUA, sobre uma família adotiva e as complicações e dificuldades que passam; Tom Phelan, ator trans apareceu pela primeira vez na tela em 2014 como Cole, também personagem trans em “*The Fosters*”; Ian Alexander, ator trans que interpretou o personagem também trans Buck Vu na série estadunidense *The OA* (2016-2019) que foi transmitida pela Netflix; Brian Michael Smith interpretando o papel de Toine Wilkins, na série estadunidense *Queen Sugar* (2016), o papel de Smith, na série produzida por Oprah, alcançou visibilidade e trouxe luz aos homens trans que continuam sua luta por maior visibilidade.. Alex Blue Davis como interno Casey Parker na 14ª temporada de *Greys Anatomy* (em 2017), a ideia de abordar o assunto surgiu depois de o presidente Donald Trump ter proibido pessoas trans de servirem nas Forças Armadas, e como resposta, a roteirista e diretora Krista Vernoff colocou um ator trans na série; Yance Ford, primeiro diretor trans a ser indicado ao Oscar em 2018 de melhor documentário por *Strong Island*.

No Brasil temos representatividade na atuação como: *Liberdade de gênero* (2016-2017) – Programa de TV brasileiro do canal GNT, sob direção de João Jardim e o *Curta-metragem do Ceará*, *Aqueles dois*

(2018, direção de Émerson Maranhão), que conta as histórias de Caio José de 25 anos e é enfermeiro, e de Kaio Lemos de 38 e é pesquisador acadêmico. O primeiro mora em Quixeramobim, uma pequena cidade no Sertão Central do Ceará. O segundo, na capital do Estado, Fortaleza. Eles têm boa formação intelectual, amigos, família e em nada se diferenciariam dos tantos rapazes que vivem realidades similares não fosse pelo fato de serem homens transgêneros.

As representatividades brasileiras em direções de produções audiovisuais, como: Cali dos anjos – pessoa transmasculina – dirigiu o filme Tailor, 2017, é sobre um cartunista transgênero que compartilha em sua página na internet experiências de outras pessoas trans e seus desafios dentro da sociedade; Cássio kelm – é trans não binário (ele/elu), diretor dos documentários: Mães do Derick, doc, 2020 e Meia Lua Falciforme, 2020; Rosa caldeira – homem trans, diretor e fotógrafo no filme perifericú (curta-metragem de 2019, vencedor de 25 prêmios), é integrante da produtora maloka filmes; Cauê Monteiro – transmasculino – na direção e fotografia em: “Benção” – curta, 2017; “A Outra Metade do Dia” – curta, 2016; “Fuga” – curta, 2016; “055769” – curta, 2016; “Saturno” – curta, 2016; “Por Todas Elas” – curta, 2016; XisGenera: Produtora audiovisual/fotografia de transmasculines. Responsáveis são os trnsmasculinos: Bernoch, Rafael Tayslan e Vitor Monteiro e Ariel Nobre, homem trans – idealizador do Projeto Preciso Dizer que Te Amo - campanha de valorização da vida de homens trans desde 2015. Em 2018, realizou o curta-metragem de mesmo nome que ganhou em 2019 o Prêmio de Melhor Filme no Goiânia Mostra Curtas e foi indicado ao Grande Prêmio do Cinema Brasileiro.

Para concluir: representatividades transmasculinas importam

A análise das produções audiovisuais me possibilitou encontrar os seguintes discursos: as narrativas audiovisuais sobre pessoas trans, priorizam questões relacionadas ao corpo, indicando que toda pessoa trans sente a necessidade de mudá-lo a qualquer custo. Porém, não é bem assim, nem toda pessoa trans quer realizar mudanças corporais, e as mudanças em relação ao gênero nem sempre é sobre mudar o corpo. Assim como já disse Preciado (2020, p. 34) que uma transição de gênero é uma viagem marcada por múltiplas fronteiras, e ele

nunca viajou tanto quanto nos meses da parte mais abrupta de sua transição e do processo de busca por um nome.

Homens trans e pessoas transmasculinas não nasceram em corpos errados, é a categorização social da caixinha binária de gênero, que está errada. Não se pode dizer que existem corpos errados porque simplesmente não existem corpos certos (LANZ, 2014, p. 161). O corpo trans é um corpo abjeto. E não importa o quanto modificamos o nosso corpo, ele sempre vai estar errado para o corpo social hegemônico. As relações de gênero são corporificadas, homens trans e pessoas transmasculinas não nascem em corpos errados, a sociedade é que está errada. O corpo social hegemônico é que precisa ser ajustado e modificado, pois os corpos já nascem certos sendo do jeito que eles são, sejam eles do jeito que forem (LANZ, 2014, p. 382).

O audiovisual, além de outros vieses artísticos nos permitem que as nossas subjetividades contem histórias. Nossos corpos são artes, políticas, e existem e resistem. Arte e produções audiovisuais nossas como resistências contra todas as tecnologias de poder do sistema binário e normativo vigente. Como já disse a artista trans Renata Carvalho (2020: 108): “Porque a arte, sim, pode tudo; mas os artistas, definitivamente, não”.

Referências

CARVALHO, Renata. **A transfobia recreativa e o corpo risível**. In: ANTRA/IBTE. Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020 / Bruna G. Benevides, Sayonara Naider Bonfim Nogueira (Orgs). – São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021. 136p.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a conformidade e a transgressão das normas de gênero**. Uma introdução aos estudos transgêneros. 2ª edição. Curitiba: Movimento Transgente, 2017. 456p.

LOURO, Guacira. **Cinema & Sexualidade. Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 81-98, jan./jul. 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

NERY, João W. **Transmasculinidades: invisibilidade e luta.** João W. Nery. In: História do Movimento LGBT no Brasil / organização James N. Green, Renan Quinalha, Marcio Caetano, Marisa Fernandes. – 1. Ed. – São Paulo: Alameda, 2018. 536 p.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s).** VI Congresso SOPCOM, Abril de 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 23 Fev. 2021.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano: Crônicas da travessia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2019.